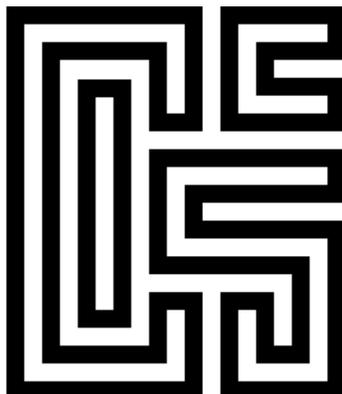


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

Antropofagia e Teofagia

Milton Pelegrini

Terça-feira, 03 de abril de 2001 - 20h18

Este foi o tema que reuniu os professores Dietmar Kamper, Birke Mersmann e Haroldo de Campos, que discutiram as histórias relatadas em livro pelo explorador alemão Hans Staden, entre 1540 e 1560. Ele escapou de ser devorado pelos índios tupinambás, em Ubatuba, litoral norte paulista

São Paulo - De um lado, uma platéia faminta. Do outro, dispostos ao redor de uma grande mesa no centro do palco do Tuca, em São Paulo, (como na imagem da Santa Ceia), dois professores alemães, Dietmar Kamper, Birke Mersmann e o poeta brasileiro Haroldo de Campos, saboreiam deliciosamente as histórias relatadas em livro pelo explorador alemão Hans Staden, que entre 1540 e 1560 experimentava na pele o risco de servir de

alimento para os índios tupinambás, em Ubatuba, litoral norte paulista. Em uma promoção conjunta da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, o encontro, na noite de segunda-feira, em torno do tema Antropofagia e Teofagia se transformou em um banquete canibalesco oferecido como homenagem a Haroldo de Campos, um dos conhecidos antropófagos brasileiros.

"A paisagem em que nascemos fica com a gente e a gente leva para toda a vida", lembra Birke, ao explicar que Hans Staden, mesmo como explorador, procurava lugares que lembrassem sua terra natal. Ela é doutora em filosofia e psicologia pela Universidade de Marburg, na Alemanha, além de pesquisadora dos relatos de Hans Staden. Explica que a Alemanha compartilhava de um momento histórico diferente com a Reforma de Lutero, e sob este olhar, os contornos geográficos de lugares como nosso litoral e a paisagem que Staden carregava dentro de si, pareceriam semelhantes. O protestantismo garantia isso ao se projetar como centro ideológico e geográfico em uma Europa conturbada, prestes a se despedir do século 14 e "se lançar ao massacre, à conquista do mundo".

Dietmar Kamper, professor de sociologia e antropologia desde 1979, na Universidade Livre de Berlim, define o tema de fundo desta Reforma, que moldava as reflexões da época. "Tudo girava em torno da presença de Cristo na Santa Ceia", explica. Era uma leitura para entender o corpo de Cristo como corpo e outra para ocultá-lo, como signo. O catolicismo e o protestantismo disputavam a visão da Santa Ceia como Comunhão ou Comunicação. A antropofagia e a teofagia começavam a fundar os códigos de uma Europa disposta a canibalizar o mundo em troca da comprovação de suas certezas. Staden testemunhou este conflito quando esteve como

alimento-prisioneiro dos Tupinambás e os convenceu a não transformá-lo em um banquete para os Deuses ou em um Deus em um banquete.

"Staden faz um registro destes fatos que apontam para o divino. A precisão é verdade e seus relatos ao monarca de sua terra serviam como uma prestação de contas", salienta a pesquisadora Birke, que qualificou o explorador como autor do primeiro best seller europeu. Ele viveu em São Vicente e Santo Amaro, foi preso em Ubatuba por uma tribo de índios que o obrigou a evocar o Velho Testamento para salvá-lo do caldeirão, mas Hans Staden entendeu que era preciso negociar o tempo se quisesse sair vivo e, para isso, ele afirmava que tinha o poder do seu Deus, do Deus da Reforma. Ao interpretar os sinais da natureza ele interpretava os sinais de Deus. Aos poucos ele convencia os Tupinambás de que era o mediador, até que uma doença que dizimava os membros da tribo começava a impor o medo. Esse medo salvou a vida de Staden.

O que é fundante na cultura brasileira é seu caráter antropofágico. A Europa se transforma com a Reforma. Ela deixa de ser a sociedade do sacrifício e passa a ser a sociedade do massacre. Canibalizar é a palavra de ordem. O bispo Sardinha chegou em terras brasileiras disposto a se alimentar e foi transformado em alimento. Seria o mesmo final para Staden, não fosse sua capacidade de banquetear seus algozes Tupinambás com um jantar simbólico. Todo mito surge de sua aparente proximidade com o real. Staden se fez mito e os mitos servem como saída e não como alimento.

Kamper alinhava os pressupostos dogmáticos que dão origem às grandes descobertas. Para ele, o cristianismo abandonou seu horizonte ao renunciar à diferença entre o sagrado e o profano, dando curso à exploração, e ajudou a instalar a canibalização do mundo moderno. "O universo

alcançado pelo homem é uma ilusão desmascarada. A morte ocorre pelo olhar e pelas imagens. O dinheiro e a intermediação não respeitam materialidade alguma. Igreja, Estado e Sociedade fizeram um aniquilamento futuro e irreversível", prevê.

Tudo funciona sempre como uma dupla-negação. Esse caminho das imagens é um caminho de abstração e não há como canibalizar sem que hajam focos de resistência. Os índios, o socialismo, o dadaísmo, a arte moderna foram exemplos. Na tentativa de canibalizar, aquele que destrói é destruído pelo que quis destruir. Oswald de Andrade, com sua ironia subjetiva, mostrou uma resposta tardia para Hans Staden e descobriu que a resposta antropofágica está no próprio metabolismo humano como salvação contra a canibalização global. "Hans não tinha medo da morte, mas medo de servir como comunhão antropofágica, pois a Reforma de Lutero tinha acabado com o futuro paradisíaco. O diabo engoliria o futuro", termina Mirke.

Convidado como ouvinte para a conferência, Haroldo de Campos não resistiu e participou do banquete mostrando que a devoração do bispo Sardinha serviria como base para Oswald de Andrade lançar seu Manifesto Antropofágico. "A cultura brasileira é a Antropofagia. É a eucaristia carnalizada. O conceito de comer teofágico dá a vantagem sobre comer o laico", define. O poeta-antropófago afirma que o canibalismo brasileiro é diferente da globalização. "Nosso índio não comia qualquer um, ele só comia o corajoso, o covarde ele não comia. Foi nossa ironia crítica em estado sovar", explica. Globalização é sinônimo de homogeneização e não de trans-culturação, que é a devoração do outro. É preciso comer o tutano do forte para ficar forte também.

A cultura brasileira nasceu da antropofagia. "José de Anchieta, que era um jesuíta, aprendeu a língua dos índios para dominar. Gregório de Mattos misturava termos tupis e palavras da cultura africana em seus poemas. Luiz de Camões foi um poeta das nossas Espanhas numa era de hibridização, de devoração devorante. Castro Alves e Luiz Gama foram a favor da reforma agrária. Cláudio Manoel da Costa escrevia em italiano. Odorico Mendes foi autor de traduções da Ilíada de Homero e de todo Virgílio. Joaquim de Souza Andrade, discípulo de Odorico Mendes, mudou seu nome para Souzaândrade na tentativa de transformar o português em grego, foi considerado o Mallarmé do Maranhão. Machado de Assis estudou alemão. Mário de Andrade, ao criar Macunaíma, se inspirou nas leituras de um etnógrafo alemão", ensina o antropófago Haroldo de Campos.

Entre os presentes na platéia, o professor Boris Schneidermann e o psicanalista José Ângelo Gaiarsa também provavam dos ossos culturais que eram lançados do palco. Da conferência intitulada Antropofagia e Teofagia, restou apenas a certeza de que o diálogo, a disputa e a controvérsia têm seus efeitos no subterrâneo humano, e no caso específico, na fundação da cultura brasileira.

Milton Pelegri é editor New Media da Agência Estado e doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Texto publicado originalmente em:

<http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2001/abr/03/309.htm>